

O Livro de Daniel - Número três

Visões Duplas

Jeff Pippenger

2023-11-25

Estamos atualmente abordando os “sete tempos” de Levítico vinte e seis no livro de Daniel. Está oculto para aqueles que escolheram fechar os olhos, mas está lá para os que desejam ver. Começaremos em Daniel, capítulo oito, versículo treze.

Então, ouvi um santo que falava; e outro santo disse àquele que falava: Até quando durará a visão acerca do sacrifício diário e da transgressão assoladora, visão na qual são entregues o santuário e o exército, a fim de serem pisados? Daniel 8:13.

O versículo começa com a palavra "então" e estabelece uma distinção entre a visão da história profética que Daniel acabara de ver nos dez versículos anteriores. Os versículos 1 e 2 do capítulo identificam o ano em que Daniel recebeu a visão e também informam que ele a recebeu às margens do rio Ulai. Do versículo 3 ao 12, ele "vê" a visão da história profética. "Então" ele "ouve" um diálogo celestial composto por uma pergunta e uma resposta. No versículo 15, ele começa a buscar o que a visão da história profética que ele acabara de "ver" representava. É essencial reconhecer a distinção entre a visão que Daniel "viu" nos versículos 3 a 12 e o diálogo celestial, que ele "ouviu" — pois são duas visões diferentes.

Mas bem-aventurados são os vossos olhos, porque veem, e os vossos ouvidos, porque ouvem. Mateus 13:16.

A pergunta no versículo treze é: "Até quando durará a visão", e a palavra traduzida como "visão" é uma palavra hebraica diferente daquela traduzida como "visão" no versículo dezesseis.

E ouvi uma voz de homem entre as margens do Ulai, que chamou e disse: Gabriel, faze com que este homem entenda a visão. Daniel 8:16.

Ao traduzir duas palavras hebraicas diferentes para o inglês como "vision", as "sete vezes" de Levítico vinte e seis tornaram-se "escondidas à vista de todos". Estudantes da Bíblia que se contentam em simplesmente arranhar a superfície consideram essas duas palavras hebraicas diferentes como a mesma palavra, mas o fazem por sua própria conta e risco.

Apenas arranhar a superfície pouco adiantará. São necessários investigação ponderada e estudo sério e exigente para a compreensão. Há verdades na palavra que são como veios de minério precioso ocultos sob a superfície. Ao cavar em busca deles, como o homem cava em busca de ouro e prata, descobrem-se os tesouros ocultos. Esteja certo de que a evidência da verdade está na própria Escritura. Uma passagem da Escritura é a chave para abrir outras passagens. O significado rico e oculto é desvendado pelo Espírito Santo de Deus, tornando clara a palavra ao nosso entendimento: 'A entrada das Tuas palavras dá luz; dá entendimento aos simples.' Fundamentos da Educação Cristã, 390.

Somos informados de que "cada fato tem sua importância" na Palavra de Deus e, se escolhermos ignorar o fato de que existem duas palavras hebraicas diferentes traduzidas como "visão" no capítulo oito, seremos responsáveis por infligir a nós mesmos a cegueira laodiceana. O velho adágio diz: "não há pior cego do que aquele que não quer ver."

A Bíblia contém todos os princípios que os homens precisam compreender para serem habilitados tanto para esta vida quanto para a vindoura. E esses princípios podem ser compreendidos por todos. Ninguém que tenha um espírito disposto a apreciar seu ensino pode ler uma única passagem da Bíblia sem dela obter algum pensamento proveitoso. Mas o ensino mais valioso da Bíblia não se alcança por meio de estudo ocasional ou desconexo. Seu grande sistema de verdade não é apresentado de modo que possa ser percebido pelo leitor apressado ou descuidado. Muitos de seus tesouros jazem bem abaixo da superfície e só podem ser obtidos por meio de pesquisa diligente e esforço contínuo. As verdades que compõem o grande todo precisam ser buscadas e reunidas, "um pouco aqui, um pouco ali". Isaías 28:10.

"Quando, assim, examinados e reunidos, verificar-se-á que se ajustam perfeitamente uns aos outros. Cada Evangelho é um complemento dos demais, cada profecia, uma explicação de outra, cada verdade, um desdobramento de alguma outra verdade. Os tipos da economia judaica são esclarecidos pelo evangelho. Todo princípio na palavra de Deus tem o seu lugar, todo fato, o seu alcance. E a estrutura completa, em seu desígnio e execução, dá testemunho de seu Autor. Tal estrutura, nenhuma mente, senão a do Infinito, poderia conceber ou moldar." Educação, 123.

A palavra "visão" aparece dez vezes no capítulo oito de Daniel, mas essas dez ocorrências correspondem a duas palavras hebraicas diferentes, e os significados dessas palavras não são os mesmos. Se significassem a mesma coisa, Daniel teria usado apenas uma dessas palavras em cada uma das dez ocorrências. Daniel escreveu duas palavras, pois cada uma dessas duas palavras possui seu próprio significado, e uma representa uma visão que Daniel "viu", e a outra uma visão que ele "ouve". No versículo treze, a palavra traduzida como "visão" é *châzôn*, e significa "uma visão", ou "uma visão", "um sonho" ou "um oráculo". Eu a chamo de "visão da história profética" com base em sua definição e na forma como Daniel a emprega.

No versículo um, do capítulo oito de Daniel, Daniel diz: "apareceu-me uma visão", e no versículo dois ele declara duas vezes que "vi em visão". Então, no versículo treze, levanta-se a pergunta: "até quando será a visão". Todas essas ocorrências são a palavra hebraica *châzôn*. Então, no versículo quinze, chegamos talvez à ocasião mais importante em que Daniel usou essa mesma palavra, pois ele diz: "quando eu"..."tinha visto a visão e busquei o significado". Depois que Daniel tinha visto a visão *châzôn*, ele quis entender o que ela significava. Este é um fato que tem grande importância para a ocultação dos "sete tempos" de Levítico vinte e seis no capítulo.

Ele também usa a palavra *châzôn* nos versículos dezessete e vinte e seis. A palavra "visão" aparece dez vezes no capítulo oito de Daniel, e a palavra *châzôn* representa sete dessas ocorrências. Daniel usa a outra palavra hebraica que é traduzida como "visão" quatro vezes. A outra palavra hebraica é *mar'eh* e significa "aparência".

Châzôn ocorre sete vezes no capítulo oito de Daniel, e mar'eh ocorre quatro vezes, e juntas representam as dez vezes em que a palavra inglesa "vision" aparece no capítulo oito de Daniel. Sete mais quatro é onze, pois, numa das vezes em que Daniel empregou a palavra mar'eh, ela foi traduzida exatamente como é definida; pois, no versículo quinze, quando Daniel "procurou o significado" da visão châzôn da história profética, "estava diante" dele "como a aparência de um homem". A palavra "aparência" é mar'eh. Portanto, mar'eh é usada por Daniel quatro vezes em Daniel oito, e é traduzida uma vez em conformidade com sua definição primária de "aparência", e nas outras três vezes é traduzida como "visão".

Não estou sugerindo qualquer crítica aos homens que traduziram a Bíblia King James. É preciso notar, porém, que, no versículo treze, encontra-se a única palavra acrescentada na Bíblia King James (sacrifice), a respeito da qual a inspiração afirma de forma definitiva: "não pertence ao texto". A inspiração ainda afirma que essa palavra havia sido "acrescentada pela sabedoria humana". No mesmo capítulo, duas palavras hebraicas diferentes são traduzidas pela mesma palavra inglesa. A razão pela qual é essencial reconhecer a distinção entre essas duas palavras é profundamente importante.

E aconteceu que, quando eu, eu mesmo, Daniel, tinha visto a visão e buscava o significado, então, eis que estava diante de mim um com a aparência de homem. E ouvi a voz de um homem entre as margens do Ulai, que clamou e disse: Gabriel, faz com que este homem entenda a visão. Daniel 8:15, 16.

Enquanto Daniel "procurava o sentido" da "visão châzôn" que acabara de "ver", Cristo informa a Gabriel que "faça" Daniel entender a "visão mar'eh" que ele acabara de "ouvir". Daniel queria entender a visão da história profética, mas Cristo, que havia sido identificado no versículo treze como Palmoni (aquele certo santo que falava), instruiu Gabriel a fazer Daniel entender a "visão mar'eh", não a "visão châzôn". Nos versículos quinze e dezesseis, o propósito declarado para Gabriel é que ele deve fazer Daniel entender a "visão mar'eh", que é a palavra traduzida como "visão" que significa "aparência", e não a visão da história profética que Daniel queria entender. Sem reconhecer a incumbência de Gabriel, as "sete vezes" de Levítico vinte e seis ficam escondidas à vista de todos.

No versículo vinte e seis, ambas as palavras hebraicas traduzidas como "visão" ocorrem no mesmo versículo, e o versículo se torna uma das chaves principais para revelar a verdade do testemunho de Daniel sobre os "sete tempos".

E a visão da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira; portanto, sela a visão, porque é para muitos dias. Daniel 8:26.

No versículo vinte e seis, a "visão das tardes e manhãs" é a visão mar'eh, que significa "aparência", mas a visão que devia ser "selada" é a visão châzôn da história profética. A expressão "tardes e manhãs" é o que isola e identifica a distinção entre as duas visões. Ela o faz com outra ilustração do fator humano na produção da Bíblia. O fator humano incluiu tanto os profetas que registraram as palavras da Bíblia quanto aqueles que a traduziram. A Bíblia, assim como Cristo, representa uma combinação de divindade e humanidade. Essa humanidade estendeu-se ao longo da história,

desde Adão, depois que pecou, até aqueles que registraram e traduziram a Bíblia. Cristo e a Bíblia são ambos a Palavra de Deus, e a Palavra de Deus é pura, pois a divindade da combinação sempre prevaleceu sobre quaisquer limitações que existiam na carne.

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus (o qual havia prometido anteriormente por meio de seus profetas nas Sagradas Escrituras), acerca de seu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne. Romanos 1:1-3.

A expressão "tarde e manhã" encontra-se repetidas vezes na Palavra de Deus, e é sempre traduzida como "tarde e manhã", como está no versículo vinte e seis, e como é tantas vezes traduzida na história da criação em Gênesis, que repetidamente declara: "e a tarde e a manhã foram...." Na verdade, e todo fato tem a sua relevância (e este fato é essencial para compreender), o único lugar na Bíblia em que a expressão "tarde e manhã" não é traduzida como "tarde e manhã" (como está no versículo vinte e seis) é no versículo quatorze de Daniel oito. Ali, e somente ali na Palavra de Deus, a expressão "tarde e manhã" é traduzida simplesmente como "dias".

E ele me disse: Até dois mil e trezentos dias; então o santuário será purificado. Daniel 8:14.

Doze versículos depois, no mesmo capítulo de Daniel, a expressão hebraica "tarde e manhã" é traduzida como sempre; mas no versículo que é o pilar central e fundamento do Adventismo, a expressão é simplesmente traduzida como "dias". Que influência levou os tradutores da Bíblia King James a fazer uma contradição tão gritante? Eles haviam traduzido a expressão no versículo vinte e seis em conformidade com todas as outras ocorrências da expressão no resto da Bíblia. Mas doze versículos antes do versículo vinte e seis, no versículo quatorze, sua humanidade conferiu uma distinção especial à resposta à pergunta do versículo treze. E a pergunta do versículo treze incluía a única palavra (sacrifício) que não deveria ser acrescentada à Bíblia. Deus quis que o versículo quatorze se destacasse de uma maneira muito profunda e distinta. Ao fazer isso, ele também identificou o que Gabriel foi instruído a levar Daniel a entender.

No versículo dezesseis, Jesus ordenou a Gabriel que fizesse com que Daniel entendesse a visão mar'eh, apesar de Daniel estar buscando entender a visão châzôn da história profética. O versículo vinte e seis diz que a "visão das tardes e manhãs que foi dita" era "verdadeira". A visão châzôn tinha sido uma "aparição" profética, mas a visão mar'eh foi "dita", pois havia sido falada. Isso fora falado no versículo catorze, quando Palmoni disse: "até duas mil e trezentas tardes e manhãs; então o santuário será purificado". O versículo vinte e seis emprega a expressão "tardes e manhãs", identificando-a como a visão que havia sido "dita", a fim de assinalar a distinção entre as duas visões no capítulo oito de Daniel. A visão da história profética que Daniel havia "visto" e que desejava entender era diferente da visão que fora "dita", a qual Daniel "ouviu". Mais importante ainda, a visão que Daniel "ouviu" era a visão que Gabriel devia fazer com que Daniel entendesse.

A humanidade que participou da criação da Bíblia Sagrada registrou a palavra "visão" dez vezes no capítulo oito de Daniel e, ao fazê-lo, ocultou a distinção entre uma visão que foi "vista" e outra que foi "ouvida". Ao fazer isso, obscureceu a ênfase que indica que a intenção de Cristo era que Daniel compreendesse a visão que ele havia "ouvido", mais do que a visão que ele havia "visto". Agora

podemos considerar o que Gabriel faz para cumprir sua missão.

Então ele se aproximou de onde eu estava em pé; e, quando chegou, tive medo e caí com o rosto em terra; mas ele me disse: Entende, ó filho do homem, pois para o tempo do fim será a visão. Ora, enquanto ele falava comigo, caí em profundo sono, com o rosto voltado para o chão; mas ele me tocou e me pôs de pé. E disse: Eis que te farei saber o que acontecerá no último tempo da indignação, porque no tempo determinado será o fim. Daniel 8:17-19.

Gabriel agora começa seu trabalho de fazer Daniel compreender a visão das duas mil e trezentas tardes e manhãs, que é verdadeira. Primeiro, informa-lhe que a visão da história profética, a visão chazôn, seria para o “tempo do fim”. Em seguida, enquanto Daniel estava em um sono profético, Gabriel tocou em Daniel e o pôs de pé. Ele lhe informa: “Far-te-ei saber”.

Foi isso que Palmoni (Cristo) disse a Gabriel que fizesse, quando disse: "Gabriel, faze com que este homem entenda a visão mar'eh da tarde e da manhã." Gabriel diz que fará com que Daniel "saiba o que haverá no fim derradeiro da indignação." Aí está! Aí estão os "sete tempos" de Levítico vinte e seis! Isso está oculto pela própria técnica profética que Gabriel havia levado os profetas, repetidas vezes, a testemunhar e a empregar em seus escritos! Essa técnica é "linha sobre linha, aqui um pouco e ali um pouco".

No livro "Thoughts on Daniel and the Revelation", de Uriah Smith (com o qual todos os adventistas, e até mesmo seus vizinhos, deveriam estar familiarizados), Smith comenta os versículos dezessete a dezenove do capítulo oito de Daniel:

Com uma declaração geral de que, no tempo determinado, será o fim, e de que lhe dará a conhecer o que haverá no fim derradeiro da indignação, ele passa à interpretação da visão. A indignação deve ser entendida como abrangendo um período de tempo. Que tempo? Deus disse ao seu povo Israel que derramaria sobre eles a sua indignação por causa de sua maldade; e assim deu instruções a respeito do “príncipe profano e ímpio de Israel”: “Remove o diadema e tira a coroa... Eu a transtornarei, transtornarei, transtornarei; e não será mais, até que venha aquele a quem pertence o direito; e lho darei.” Ezequiel 21:25-27, 31.

Aqui está o período da indignação de Deus contra o seu povo da aliança; o período durante o qual o santuário e o exército serão pisados. O diadema foi removido, e a coroa tirada, quando Israel foi submetido ao reino da Babilônia. Voltou a ser derrubado pelos medos e persas, outra vez pelos gregos, outra vez pelos romanos, correspondendo às três vezes em que a palavra é repetida pelo profeta. Os judeus, então, tendo rejeitado Cristo, logo foram dispersos sobre a face de toda a terra; e o Israel espiritual tomou o lugar da descendência literal; porém eles estão sujeitos a poderes terrenos, e assim permanecerão até que o trono de Davi seja novamente estabelecido — até que venha Aquele que é seu legítimo herdeiro, o Messias, o Príncipe da Paz; então lhe será entregue. Então a indignação terá cessado. O que deverá ocorrer no fim derradeiro deste período, o anjo vai agora dar a conhecer a Daniel. Uriah Smith, Daniel e o Apocalipse, 201, 202.

A "indignação" que Smith está identificando começou quando Manassés foi levado para Babilônia pelos assírios em 677 a.C. Infelizmente, Smith toma a queda de Zedequias em 586 a.C. e a atribui

como o ponto de partida do período da "indignação" do versículo dezenove. Smith simplesmente não aborda o que significa o fato de o versículo afirmar "o fim último da indignação". Ele a trata simplesmente como "indignação", embora, se há um "fim último" da indignação, a gramática e a lógica exigem que haja também, no mínimo, um "primeiro fim" da indignação. Smith sabia que os setenta anos de cativeiro começaram com o primeiro ataque de Nabucodonosor contra Jeoaquim em 606 a.C., mas determinou que o início do período da indignação foi o terceiro dos ataques de Nabucodonosor, realizado contra Zedequias, o último rei de Judá.

“Ainda que tenhamos um relato mais minucioso de sua [de Daniel] vida inicial do que o que se registrou a respeito de qualquer outro profeta, seu nascimento e linhagem permanecem em completa obscuridade, exceto pelo fato de que era de estirpe real, provavelmente da casa de Davi, a qual, nesta época, se havia tornado muito numerosa. Ele aparece pela primeira vez como um dos nobres cativos de Judá, no primeiro ano de Nabucodonosor, rei de Babilônia, no início dos setenta anos de cativeiro, em 606 a.C. Jeremias e Habacuque ainda estavam proferindo suas profecias. Ezequiel começou pouco depois, e, um pouco mais tarde, Obadias; mas ambos concluíram sua obra anos antes do término da longa e brilhante carreira de Daniel. Somente três profetas lhe sucederam: Ageu e Zacarias, que exerceram o ofício profético por um breve período contemporaneamente, em 520–518 a.C., e Malaquias, o último dos profetas do Antigo Testamento, que floresceu por breve tempo por volta de 397 a.C.” Uriah Smith, *Daniel and the Revelation*, 19.

Smith identificou corretamente a "indignação" do versículo dezenove como um período de tempo. Ele identificou corretamente esse período como o pisoteamento do santuário e do exército, de acordo com Daniel capítulo oito, versículo treze, e identificou corretamente o término como 22 de outubro de 1844.

Smith estava parcialmente correto, mas deixou de alcançar a verdade ao fazer aquilo que era característico de suas aplicações proféticas. Ele permitiu que a história orientasse sua interpretação da palavra profética, em vez de permitir que a palavra profética orientasse sua compreensão da história. Se permitirmos que a Bíblia defina a história profética, então teremos as informações corretas para abordar a história.

A Bíblia ensina que, por quem um homem é vencido, daquele é servo.

Enquanto lhes prometem liberdade, eles mesmos são servos da corrupção; pois daquele por quem alguém é vencido, desse mesmo se torna escravo. 2 Pedro 2:19.

Manassés foi levado cativo para a Babilônia em 677 a.C. Foi ali que Judá foi vencido e levado ao cativeiro. Este é o ponto de partida representado tanto no gráfico de 1843 quanto no de 1850, os quais a Irmã White endossa como corretos. Smith começa o pisoteio de Daniel, capítulo oito, versículo treze, com Zedequias, o último dos reis de Judá. Zedequias foi o fim de um juízo progressivo e não o começo. A Irmã White identifica que o cativeiro de Manassés na Babilônia foi um "sinal" do que estava por vir. Um "sinal" é uma entrada e marca o início de uma compra que terá outros pagamentos a seguir.

"Fielmente, os profetas continuaram com suas advertências e suas exortações; destemidamente falaram a Manassés e ao seu povo; mas as mensagens foram desprezadas; Judá apóstata não quis dar ouvidos. Como prenúncio do que sucederia ao povo, caso continuassem impenitentes, o Senhor permitiu que seu rei fosse capturado por um bando de soldados assírios, que 'o prenderam com grilhões e o levaram para a Babilônia', sua capital temporária. Esta aflição trouxe o rei a si; 'ele suplicou ao Senhor, seu Deus, e humilhou-se profundamente diante do Deus de seus pais, e orou a Ele; e Ele foi-lhe favorável, e ouviu a sua súplica, e o reconduziu a Jerusalém, ao seu reino. Então Manassés reconheceu que o Senhor era Deus.' 2 Crônicas 33:11-13. Mas esse arrependimento, por notável que fosse, veio tarde demais para salvar o reino da influência corruptora de anos de práticas idólatras. Muitos haviam tropeçado e caído, para nunca mais se levantarem." Profetas e Reis, 382.

Manassés assinalou o "adiantamento" que deu início à "maldição" dos "sete tempos", que foi a última "indignação", pois a "primeira indignação" já havia começado quando o reino do norte foi levado ao cativeiro em 723 a.C. Depois, na queda de Jeoaquim, quando Daniel foi levado cativo, começaram em 606 a.C. os setenta anos de cativeiro que Jeremias identificou. Dois reis depois de Jeoaquim, Jerusalém foi destruída e o último rei de Judá, Zedequias, viu seus filhos serem mortos diante dele; em seguida, teve os olhos vazados e foi levado cativo para a Babilônia.

Smith atribuiu todo o juízo progressivo a Zedequias e utilizou o juízo de Zedequias como texto-prova para sua suposição. O juízo de Zedequias — o “príncipe ímpio e profano” — indicava que a coroa de Judá seria removida até que Cristo viesse estabelecer um reino. Smith disse: “eles estão sujeitos aos poderes terrenos, e assim permanecerão até que o trono de Davi seja novamente estabelecido — até que Aquele que é seu legítimo herdeiro, o Messias, o Príncipe da paz, venha, e então lhe será dado.” Em 22 de outubro de 1844, em cumprimento de Daniel capítulo sete, versículos treze e quatorze, Cristo, representado como o Filho do homem, apresentou-se perante o Pai para receber um reino.

Eu vi, nas visões da noite, e eis que, com as nuvens do céu, vinha um como o Filho do homem; veio ao Ancião de dias, e o trouxeram para perto dele. E foi-lhe dado domínio, glória e um reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino não será destruído. Daniel 7:13, 14.

A Irmã White confirma que o capítulo sete de Daniel e os versículos treze e quatorze foram cumpridos em 22 de outubro de 1844.

“A vinda de Cristo, como nosso Sumo Sacerdote, ao lugar santíssimo, para a purificação do santuário, apresentada em Daniel 8:14; a vinda do Filho do Homem ao Ancião de Dias, conforme apresentada em Daniel 7:13; e a vinda do Senhor ao Seu templo, predita por Malaquias, são descrições do mesmo evento; e isto também é representado pela vinda do noivo às bodas, descrita por Cristo na parábola das dez virgens, em Mateus 25.” O Grande Conflito, 426.

Smith não abordou o elemento-chave do "fim derradeiro da indignação". Ele evitou o princípio bíblico que identificava que Judá foi subjugado no tempo de Manassés e que o cativeiro, que começou dois reis antes de Zedequias, também representava que Judá já estava em sujeição à

Babilônia, antes de Zedequias encontrar seu destino. Com essas omissões flagrantes, ele ainda afirmou: "aqui está o período da indignação de Deus contra o seu povo da aliança; o período durante o qual o santuário e a hoste serão pisados aos pés." Ele, portanto, associa diretamente "o período da indignação de Deus" ao capítulo oito de Daniel e à pergunta do versículo treze: "até quando?" A resposta, no versículo quatorze, foi: até 22 de outubro de 1844.

A dispersão para a escravidão babilônica foi um processo histórico progressivo que começou em 677 a.C. e continuou até 1844. Esse período equivale a dois mil quinhentos e vinte anos, que corresponde, naturalmente, aos "sete tempos" de Levítico 26. O término desse período em 22 de outubro de 1844 forneceu a Daniel um segundo testemunho da "visão mar'eh" das duas mil e trezentas tardes e manhãs.

Foi dito a Gabriel que fizesse Daniel entender aquela visão, e o que Gabriel fez foi apresentar uma segunda testemunha para a data de término de 22 de outubro de 1844. Ele não apenas apresentou uma segunda testemunha para estabelecer a data dos cumprimentos de ambas as profecias de tempo, mas, como Smith apontou corretamente, o período de tempo associado à segunda testemunha de 1844 havia sido identificado no versículo treze, como o período em que o santuário e o exército seriam calcados aos pés. A pergunta no versículo treze é: "Até quando durará a visão acerca do sacrifício diário e da transgressão da desolação, para entregar tanto o santuário quanto o exército a serem calcados aos pés?" Aquele período de tempo correspondia às "sete vezes" de Levítico vinte e seis.

O que Smith não viu, ou evitou identificar, foi que a "indignação" do versículo dezenove era o "fim derradeiro" dessa indignação. Se há um "último", então há também um "primeiro", e Daniel identifica quando a "primeira indignação" terminou, no capítulo onze. Ele está identificando o papado reinante durante a Idade das Trevas, e afirma que o papado prosperaria até que a indignação fosse cumprida, ou encerrada.

E o rei fará conforme a sua vontade; e se exaltará, e se engrandecerá acima de todo deus, e falará coisas maravilhosas contra o Deus dos deuses, e prosperará até que se cumpra a indignação; porque aquilo que está determinado será feito. Daniel 11:36.

O versículo trinta e seis é amplamente entendido como o versículo que o apóstolo Paulo parafraseia em sua segunda carta aos Tessalonicenses.

Que ninguém vos engane de modo algum; pois esse dia não virá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou é objeto de culto; de sorte que, como Deus, se assenta no templo de Deus, mostrando-se como se fosse Deus. 2 Tessalonicenses 2:3, 4.

O "homem do pecado" de Paulo, que também é o "filho da perdição", que "se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus, ou que é adorado", é também o "rei" que "fará segundo a sua vontade; e exaltar-se-á, e se engrandecerá acima de todo deus". Ambas as passagens referem-se ao papa de Roma. Daniel escreve que o papa prosperaria, o que significa avançar, até que a "indignação seja cumprida". A indignação no versículo trinta e seis havia sido "determinada". A

palavra "determinada" significa "ferir".

O papado recebeu sua "ferida mortal" em 1798 e, naquele momento, a "primeira indignação" foi consumada ou encerrada. A palavra "accomplish" significa terminar ou cessar. O fim de "a indignação" no capítulo oito, versículo dezenove, identificou o fim do período em que o santuário e o exército seriam calcados aos pés. Esse período terminou em 1844, mas a "primeira" indignação terminou em 1798.

A "última indignação" terminou em 1844, dois mil quinhentos e vinte anos depois que o rei Manassés foi levado para a Babilônia pelos assírios em 677 a.C. A "primeira" indignação terminou em 1798, dois mil quinhentos e vinte anos depois que o reino do norte de Israel foi levado à escravidão pelos assírios em 723 a.C.

Há mais a dizer sobre os "sete tempos" ocultos no livro de Daniel, e abordaremos isso em nosso próximo artigo.

'Ao anjo da igreja dos laodicenses, escreve: Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus; conheço as tuas obras, que não és nem frio nem quente; quem dera fosses frio ou quente. Assim, porque és morno, e não és nem frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca. Porque dizes: Sou rico, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu.'

O Senhor aqui nos mostra que a mensagem a ser levada ao Seu povo pelos ministros que Ele chamou para advertir o povo não é uma mensagem de paz e segurança. Ela não é meramente teórica, mas prática em todos os aspectos. O povo de Deus é representado, na mensagem aos laodicenses, como estando em uma posição de segurança carnal. Estão despreocupados, acreditando estar em uma condição exaltada de conquistas espirituais. 'Porque dizes: Sou rico, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és desventurado, e miserável, e pobre, e cego, e nu.'

"Que maior engano pode sobrevir às mentes humanas do que a confiança de que estão certas quando estão completamente erradas! A mensagem da Testemunha Verdadeira encontra o povo de Deus num triste engano, ainda que honestos nesse engano. Eles não sabem que sua condição é deplorável aos olhos de Deus. Enquanto os interpelados se lisonjeiam, pensando estar numa condição espiritual exaltada, a mensagem da Testemunha Verdadeira abala sua segurança com a estarrecedora denúncia de sua verdadeira condição de cegueira espiritual, pobreza e miséria. O testemunho, tão contundente e severo, não pode ser um engano, pois é a Testemunha Verdadeira quem fala, e seu testemunho deve ser correto." Testemunhos, volume 3, 252.